

MONTEZ MAGNO
COMPLEXO COSMOTECNOLÓGICO
CUR. GERMANO DUSHÁ 29.MAR—02.ABR
SP—ARTE/B2 GALERIA MARCO ZERO

**“HÁ UM MOVIMENTO INTERNO QUE NÃO VEMOS
ALHEIO E SUPERIOR A TUDO QUE SABEMOS
EXISTIR AO NOSSO REDOR, QUE NOS ESPANTA:
NÃO SEI BEM O QUE ELE É MAS DESCONFIO
DE QUE NO INTERIOR DO SER, NO SEU ALTAR SAGRADO,
ESTÁ UM MOTOR QUE É A MÁQUINA DO MUNDO,
(...)
MAS QUE MENTRARNÓ INTERIOR DAS COISAS
PERCEBERÁ QUE OS ÁTOMOS ESTÃO
SEMPRE SE ABRINDO,
QUE A ALMA DE TUDO É TAMBÉM MATÉRIA VIVA,
QUE O ESPÍRITO SEM FORMA É FORÇA DISFARÇADA,
TUDO O QUE SE VÊ É TUDO E NÃO É NADA.”**

— MONTEZ MAGNO

Primeiro o vazio, depois o ponto, depois as coisas. Depois das coisas: as cidades, e logo depois o planeta. E depois do planeta: a galáxia, e tudo mais que há na imensidão abismal do Universo. E dentro de tudo, maquinando e articulando cada aspecto existente: a força indizível, a energia que percorre os quatro cantos do firmamento, dando liga aos *esparramentos* da matéria cósmica, indo e vindo, fluindo, do balé coreográfico dos astros às verticalizações das metrópoles. Aqueles que, com o devido afincamento, concentrarem sua atenção num só elemento, conseguirão enxergar ali o princípio do todo. Poderão, então, esticar seu pensamento nas alturas, conhecendo o mundo, a dinâmica total, e como consequência, a realidade de si mesmos.

Desenvolvida ao longo de mais de seis décadas, a obra de Montez Magno (1934, Timbaúba, Pernambuco) é um extenso testemunho da investigação humana sobre os fenômenos da natureza e sobre nossa faculdade de

ampliar os sentidos, percebendo melhor nossa condição e tudo que nos cerca. Impulsionado pela ideia da arte como ferramenta de aprendizado e integração com a vida, seu processo artístico é o próprio exercício de aperfeiçoamento da sensibilidade estética como modo de autoconhecimento. Artista visual e poeta, com experimentos em muitas linguagens, desenvolveu seu trabalho por meio de diversos materiais e suportes — pinturas, esculturas, objetos, instalações, maquetes, projetos arquitetônicos, partituras, performances, etc. —, valendo-se das múltiplas possibilidades que encontrou em seu caminho.

O início de sua trajetória está ligado ao momento crucial de transição do paradigma moderno para as práticas contemporâneas. E o espírito autônomo e a atração pelo conhecimento deram vazão a uma enorme gama de interesses. Acessou, absorveu e processou incontáveis referências — que vão das tradições esotéricas às grandes escolas artísticas, das manifestações populares aos avanços tecnológicos — inspirando-se para

conduzir uma produção plural e plena de vitalidade, que atravessou o século XX instigada pela sede de estudar as maquinações da natureza, trabalhando num só plano as questões do espírito e as invenções técnicas.

Focado nessa conexão entre espiritualidade e vontade construtiva na obra de Montez Magno, *Complexo Cosmotecnológico* reúne cerca de 30 trabalhos, num arco que se estende da década de 1960 até meados dos anos 2000. O projeto exhibe diferentes séries intermitentes, evidenciando a complexidade de uma obra prolífica, profunda e que se desdobrou de modo espiralar ao longo do tempo.

A coesa *Série Negra (1961-2007)* surge da curiosidade botânica, do olhar dedicado à organicidade vegetal, e se encaminha sob contínuos processos de redução da forma. Primeiro aparecem o espectro de troncos, depois o de frutos negros e, por fim, somente manchas negras. Manifesta, assim, o sumo do acontecimento. Nessas pinturas é como

se um rasgo existencial se abrisse no campo visual, revelando uma aparição fantasmagórica que irrompe de dentro para fora, tal qual um vazio cósmico — vazio não como ponto neutro ou esgotado, mas como potência espacial, como gênese para novas ações, novos começos.

Num passo seguinte, as pinturas da heterogênea série *Tantra (1963-2006)* expandem-se como reflexos da mecânica divina. Nessas obras, as aspirações espirituais do tantrismo — conjunto de ensinamentos e práticas milenares associados a tradições religiosas orientais, como o hinduísmo e o budismo — são traduzidas em sínteses formais, resultando em variadas composições geométricas de profundo dinamismo, na maior parte dos casos com uma intenção concêntrica. São exercícios que partem da filosofia tântrica como ponto de apoio para estudar o movimento, e perceber, de muitos modos possíveis, a unidade na diferença, ou as múltiplas partes do todo indivisível. Numa corporificação mais específica dentro da série, surge a “lingam” — que em sânscrito significa

“marco”, “sinal” ou “símbolo” —, representação abstrata do potencial divino de Shiva por meio de objetos votivos utilizados em rituais de devoção e meditação. Esses trabalhos trazem versões singulares criadas pelo artista para essa forma mais ou menos ovalada. São como portais energéticos que emanam o poder generativo e o fluxo contínuo de recriação da vida.

A série Barracas do Nordeste (1972, 1977-78, 1984-85), por sua vez, dividida em três ciclos, arremata a capacidade pictórica magnética do artista. A partir do fascínio pela geometria popular que brota nas ruas, Montez Magno conduziu uma pesquisa que documentou o “agudo e intuitivo senso de cor e de construção” — em suas palavras — que encontrava em barracas de feira ou de festa, carroças de ambulantes, portões, fachadas, tecidos, etc. O jogo enérgico na conformação matéria das cores cria, primeiro, planos visuais indisciplinados, cuja vivacidade vai muito além do rigor tradicional da mais conhecida abstração geométrica. Nos

ciclos seguintes, o artista se afasta do referencial para criar composições próprias, levando os ritmos coloridos da cidade para uma dimensão mais imaginativa.

Há ainda as emblemáticas peças tridimensionais, como Cidade esférica (1998) e uma obra da série Cidades Imaginárias (2000). Espécies de maquetes criadas com diferentes elementos ordinários, esses objetos dão nova amplitude às reflexões cosmológicas e às práticas construtivas de Montez Magno. Por meio do arranjo de dados, pedras, tubos, parafusos e outros resíduos, o artista nos oferece vistas aéreas de torres, catedrais, cidades e galáxias imaginadas. Essas obras conferem ponto final ao jogo de ritmo, tensão e gravidade presentes no núcleo de sua produção, fazendo ver o balanço entre a rigidez da ordem e a espontaneidade indomável dos fenômenos no interior da geometria universal.

Do cosmo às cidades, do Sol fervente às pequenas esferas metálicas, das formas geométricas bem organizadas

à velocidade orgânica das cores, este conjunto de trabalhos revela a força de um programa artístico obstinado, irrefreável e sempre em expansão. Como inventor mais do que tudo, Montez Magno abriu-se para uma arrebatadora criação tão ampla e variada quanto energeticamente coesa, estudando, por inúmeras vias, o grande paradoxo vital: a impermanência que corre solta sobre uma estrutura infinita e inquebrantável. Na busca pela expansão da consciência, o artista tomou nas mãos as coisas da vida material apenas para deixar o pensamento livre para auscultar, reverenciando, do jeito que lhe foi possível, a energia insondável que cria e desenvolve tudo que existe.

Germano Dushá













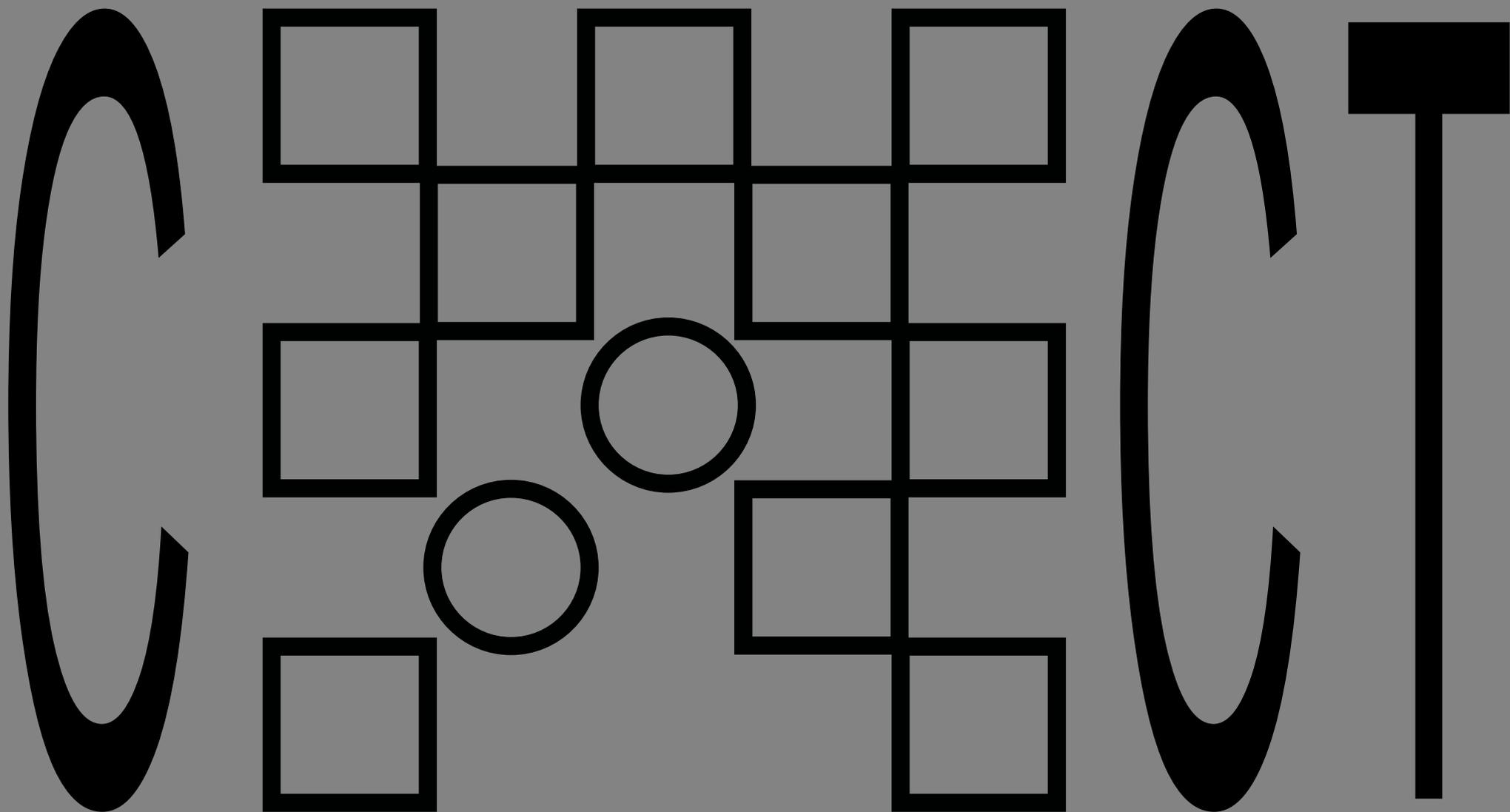






**CURADORIA GERMANO DUSHÁ
DESIGN GRÁFICO RAUL LUNA
EXPOGRAFIA ALBERTO RHEINGANTZ
MÓVEIS LUIZ SOLANO**

■ ■
galeria
marco
zero
■ ■



AV. DOMINGOS FERREIRA, 3393
BOA VIAGEM, RECIFE - PE. CEP: 51111-021
+55 (81) 9432-4796 / 9428-5976
GALERIAMARCOZERO.COM